

“A PROFESSORA QUE TINHA IDEIAS”: (INÊS)QUECÍVEIS MEMÓRIAS PEDAGÓGICAS NO OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE DA UFMG

Álida Angélica Alves Leal¹⁴⁹

Este texto traz a adaptação de uma carta que tive o prazer de escrever e ler, em voz trêmula e alta, durante a mesa “(Inês)quecíveis memórias pedagógicas e o OJ”, no âmbito do Seminário “Juventudes e Educação: 20 anos de construção de saberes e afetos”, do Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (OJ UFMG), em 15/09/2023. A mesa foi afetosamente dividida com Miguel Arroyo e Verônica Azeredo, organizadores do livro “(Inês)quecíveis memórias pedagógicas” (2023), em homenagem à querida professora Inês Assunção de Castro Teixeira, que partiu para outros planos em agosto de 2022. Na ocasião, como integrante da equipe de Coordenação do OJ – Programa de extensão, ensino e pesquisa da Faculdade de Educação – fui convidada a partilhar algumas palavras sobre a querida amiga, por sua importância para nosso grupo e por sua centralidade na minha formação – como docente e como gente...

Belo Horizonte, anúncios da primavera de 2023,

Queridas e queridos colegas do OJ,

Espero que, chegando ao final deste nosso tão sonhado Seminário de comemoração dos 20 anos, vocês estejam muito bem e felizes! Resolvi escrever-lhes esta carta, gênero que Inês tanto apreciava, para contar-lhes sobre alguns encontros e reencontros que vocês me proporcionaram com o convite para estar aqui, junto com pessoas tão queridas. [...] Lembro que, quando começamos os preparativos para o Seminário, recebi uma dica preciosa de vocês: “para se inspirar, Álida, releia a carta que Inês escreveu para o livro “Juventude e Ensino Médio”, de 2013... Deu aquele friozinho na barriga... Vocês nem imaginam!

Primeiro, preciso dizer que faz pouco tempo que reli esta carta, me preparando para uma formação de professores/as do campo. Não foi uma tarefa fácil porque, pra mim,

¹⁴⁹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

esta carta traz, em suas linhas e entrelinhas, muito da vivacidade de Inês e do que ela é e significa para nós, seja individualmente, seja como grupo. É uma carta dialógica, eivada de um cuidadoso esforço para “chegar” nas/as professoras e professores, para conversar com elas/es e conosco. É uma carta que revela, com todas as suas dores e delícias, o que o Miguel Arroyo e a Verônica nos convidam a chamar de “(Inês)quecíveis memórias pedagógicas”... de Inês!

Talvez esta minha dificuldade de voltar neste texto se dê em função do próprio entendimento que a Inês tinha sobre as cartas. Ela escreveu que gostava de escrever cartas porque sempre pensou que elas “podem ser uma escrita ou comunicação mais íntima e inteira”. Ela registrou: “Parece-me que muitas delas falam com a alma, esse interior de que saem, atravessando o pensamento, o sentimento, antes de virarem palavra. E as palavras, - parte integrante de nosso ofício de mestre -, as vejo mais densas, expressivas e intensas em certas cartas, como podem também ficar mais cândidas e formosas [...] As cartas são modos de contar e elaborar experiências, formas de compartilhar a vida” (Teixeira, 2013, p.07).

Ao nos dar de presente “Uma carta, um convite”, entendo que Inês se apresenta a nós, ali, de modo íntimo e na sua inteireza. Revela a alma quando fala de si, como professora; quando fala para nós, fala conosco, fala de nós, também professoras e professores, educadoras e educadores, na relação com as novas gerações, entendidas por ela como uma dádiva: as juventudes. Nesta carta, Inês registra que teve (assim como eu também estava buscando) uma inspiração. Ela lembra que, em 1988, conheceu um livro pelo qual se encantou, chamado “Correspondência”, de Bartolomeu Campos de Queirós. Sobre esse livro, ela disse: “Criado como se fossem bilhetes entre garotos e garotas, ele fala de palavras PARA ADORMECEREM EM DICIONÁRIOS e DE PALAVRAS PARA ACORDAR. No caso das cartinhas do livro, essas últimas seriam palavras para serem colocadas na carta maior do Brasil: a Constituição de 1988.” (Teixeira, 2014, pp.12-13) Inspirada pelo escritor, Inês constrói sua carta lembrando-se de palavras que fazem pulsar nossa vida de docentes de jovens, todos os dias. Para ela, são “PALAVRAS QUE SABEM MAIS LONGE”. Com muita lucidez, sensibilidade, pé no chão e coração “empurrando o céu”, Inês nos provoca: “como a palavra tem estado presente em nossas relações com a garotada? [...] Como fica? Como anda? Por onde anda? Será que é escutada? Será que

existe na escola? Onde buscá-la, como abrir nossos ouvidos sem restrição ao que eles têm a dizer?” (*op.cit.*,p.15)

Inês segue dizendo “que deveríamos ser, mais do que profissionais da palavra, os **PROFISSIONAIS DA ESCUTA**”. Ela conta ter lido “um dia, não sabe onde e nem quem escreveu, que quem ensina, escuta, e quem aprende, fala. Num primeiro momento, confessa que se assustou com essa ideia. Depois diz que ficou achando que é isso mesmo! E ela diz: “como isso é difícil, a começar por mim, pela minha experiência no dia a dia da sala de aula, pois nem sempre consigo ter essa necessária escuta, embora esteja atenta a isso: tenho feito exercícios e desenvolvido essa capacidade. Essa **SENSIBILIDADE**, digamos, de **ESCUTAR**.” (*op.cit.*,p.16)

Inestimáveis são palavras de Inês. Quisera eu me encontrar com Inês em outras cartas, tão preciosas como esta. [...] Estar com as cartas de Inês parece-me ser uma bela forma de estar, novamente, “tão forte e tão perto” dela, do que ela ainda tem para nos indagar, provocar e ensinar... Instigada pela releitura da carta do livro do OJ, logo me veio um estalo: existirão outras cartas de Inês? Que outras ideias estarão nelas contidas? O que ainda podemos aprender e desaprender, como Inês tanto gostava de falar?

Já são tantas da madrugada, hora em que escrevo melhor, e eis que busco “cartas Inês Teixeira” no Google. No primeiro link, aparece um resumo de “Carta aos professores”, com destaque em vermelho para a frase: “Mas vibra alguma alma com as minhas palavras?”. Seria esta uma carta diferente? Sigo pesquisando. No segundo link, eis que encontro a tal carta, datada de julho de 2013 [...] Começo a leitura e logo vem a mesma sensação de frescor, de entusiasmo e de vivacidade. [...] Inês divide sua carta em três partes. A primeira é intitulada pela frase que encontrei destacada no resumo do primeiro link, que era minha conhecida de longa data e agora, pelas palavras de Inês, vocês vão saber o porquê. Ela diz: “ao escrever-lhes, colegas, fui também levada a um poema de Fernando Pessoa, que conheci por meio de uma jovem aluna de Licenciatura de Geografia, num daqueles felizes momentos de nossas histórias docentes.” (Teixeira, 2013, p.09)

Tenho que lhes dizer, colegas, que esta jovem aluna era eu, no trânsito entre a licenciatura em Geografia e o ingresso na docência com jovens no Ensino Médio [...]. Meu coração literalmente saltou ao ler. Como não fiquei sabendo desta carta há 10 anos atrás? Como nunca a havia lido? Achá-la foi como revirar uma caixa guardada no fundo

do armário e, ali, poder me encontrar algo, de certa forma, novo: o registro do que ela dizia estar no “coração da docência”: o fecundo encontro entre uma provocadora professora com sua jovem aluna.

O relato de Inês tem como contexto o ano de 2009, quando ela foi convidada a produzir um texto sobre “os desafios da docência no Ensino Médio”. Generosamente, ela me convidou para a escrita conjunta e, para tanto, logo me disse: “vamos achar uma boa epígrafe para nosso texto, tudo bem?”. Inês sempre estava em busca de inspirações para acompanhar-lhe, nas escritas e na vida. Gostava dos poetas, dentre eles o Manoel de Barros, e dizia que poetas e artistas afinam nossa sensibilidade e percepção do mundo. [...] Foi com ela que muitos/as de nós aprendemos ou vimos ser potencializado o valor da leitura literária e da poesia, para nos constituirmos mais solidários, sensíveis, colaborativos e humanos. Lá em 2009, eu estava lendo Fernando Pessoa, no “Livro do desassossego”, e logo encontrei um trecho que caberia como epígrafe do nosso texto. Era um pouco do que eu sentia, àquela época, como professora de Geografia do Ensino Médio. Logo fui à sua sala, contar pra ela. O poeta dizia: “ah, mas como eu desejaria lançar ao menos numa alma alguma coisa de veneno, de desassossego e de inquietação. [...] Mas vibra alguma alma com as minhas palavras? Ouve-as alguém que não só eu?” (*op.cit.*, p.10). Retomo as palavras de Inês, na íntegra, dizendo do nosso encontro, mediado pelo poeta:

Ao escrever-lhes, colegas, fui também levada a um poema de Fernando Pessoa, que conheci por meio de uma jovem aluna de Licenciatura de Geografia, num daqueles felizes momentos de nossas histórias docentes. Aqueles momentos nos quais um estudante nos ensina algo, faz-nos ver, mostra-nos o que não sabíamos. São acontecimentos que trazem alegria para gente, que vocês também vivenciam, certamente; nos quais a criança, o adolescente, o jovem aluno nos expande, nos faz mais largos, belos e completos, ultrapassando-nos. São como ocasiões em que os perdemos de vista, porque alçaram um voo maior, livre, autônomo. Vocês já viveram momentos como esse, não é verdade? (Teixeira, 2013, p. 09)

Inês conta que, logo que leu o trecho que eu a apresentei, pensou no que ela mesma sentia tantas e tantas vezes em suas aulas, nas quais tinha sempre receio de que o estudante entrasse no tempo da aula, sem que a aula entrasse nele, sem que a aula entrasse no tempo dele, como gostava de dizer. Ela segue:

Entendi, então, por que aquela minha jovem estudante escolheu aquele poema para me mostrar e sugerir: ele falava de nossa experiência de professores do E. M. e de outros segmentos hoje. Perguntei-me, então, se não seria essa uma das maiores tensões ou questões que vivemos hoje na docência no E.M. ou outros níveis de ensino [...] como tocar naqueles jovens à nossa frente, envolvendo-os em nossas propostas didático-pedagógicas? O que as aulas, o que esses

nossos encontros representam para eles? Que sentidos ou significados eles lhes atribuem? Pergunto-lhes, colegas: vocês têm passado por isso? Vocês têm sentido isso? [...] (*op.cit.*, pp.10-11)

Ao me encontrar com e neste trecho da carta, entendo que Inês me sonhou e que eu também a sonhei – lembrando das palavras de um jovem no documentário “Nunca me sonharam” (2017). Professores e professoras também precisam ser sonhados! Por meio desta vivência, entendo que nos deparamos com aquela que pode ser uma das maiores contribuições de Inês [...]: ela nos colocou cara a cara com diferentes contornos e traçados da condição docente, em suas dimensões materiais e simbólicas. Reforçou a necessidade de pensarmos a docência nua e crua, com suas alegrias e desamparos, sempre enredada nas tramas das relações com as futuras gerações, que nos são dadas de presente. Tornou ainda mais viva a ideia de que a docência é plena de possibilidades, pois sua matéria-prima reside nas relações humanas, com tudo que o humano pode ter de (in)completudes. Ensinou-nos, sobretudo, que não devemos perder a capacidade de nos indignar diante das injustiças e, na mesma medida, que não podemos abandonar o nosso dever de sempre esperar.

Ao ler e pensar nestas questões, colegas, outra memória me foi despertada. Falo do livro “A fada que tinha ideias”, de Fernanda Lopes de Almeida, de 1971. Este é um livro literário que muito li na infância, indicado por uma professora dos anos iniciais, a Simone. Ah! Como queria ter lembrado deste livro há algum tempo, para que talvez pudesse ler para Inês nos momentos de nossa cúmplice companhia durante as (inês)quecíveis memórias pedagógicas de sua incansável luta pela vida. No livro, Clara luz é uma pequena fada que se nega a aprender pelo antiquado livro das fadas, porque deseja inventar suas próprias mágicas. Sua teoria para explicar o mundo é a de que quando alguém inventa alguma coisa, o mundo anda. Quando ninguém inventa nada, o mundo fica parado. Parece ou não parece com Inês? Depois de demonstrar algum desânimo com as enfadonhas lições apresentadas no livro, a fadinha inicia aulas com uma jovem professora recém-formada de horizontologia. Ao começar a aula, a jovem professora disse ter aprendido em seu curso de formação docente que havia apenas um horizonte. Contestadora, Clara luz apresenta à professora suas hipóteses sobre a existência de diversos horizontes e a desafia para um trabalho de campo. “Não sei se é permitido... Não foi assim que eu aprendi horizontologia no colégio”, diz a docente, que, após um tempo, topa a empreitada. Em campo, depois de brincar com um navio no oceano e de escorregar no arco-íris, professora e aluna dialogam:

- Agora – disse Clara Luz -, a senhora não quer dar uma espiada nos outros horizontes?
- Que outros, querida? Só existe um.
- Então **olhe pra lá!**
A professora, que só estava olhando pra cá, concordou em olhar pra lá, já que Clara Luz fazia questão.
E viu mais de 10 horizontes, um depois do outro.
- Não é possível, Clara Luz. Estou vendo dez!
- É? Então a senhora é formidável em horizontologia, mesmo. Eu só estou vendo sete.
- Mas não é possível, Clara Luz! Será que não estamos sonhando?
- Claro que não! **Está sonhando quem vê um horizonte só.** (Almeida, 2016, pp.25-26)

Inês ia gostar desta história, não ia? Pois bem! Vou terminando esta carta, colegas, dizendo que talvez tenha sido a partir destas reflexões sobre a partida de Inês do mundo físico e sobre minha entrada e permanência no OJ que eu tenha me dado conta do quanto sou grata a Inês por ela ter sido, de algum modo, a ponte entre a minha pessoa e a de vocês, de quem estou junto há 10 anos. Foi Inês quem me deu de presente o OJ! Só mesmo uma pessoa tão generosa, solidária, acolhedora, sábia e plena de delicadeza poderia presentear com algo tão bonito assim! E não foi só este presente: ela também me deu boa parte dos livros que a Nilma Lino Gomes trouxe no primeiro dia do Seminário, ajudando a montar a biblioteca de uma estudante pobre, filha de uma costureira e de um motorista de caminhão de carvão e gás, começando pelas obras que dizem das relações étnico-raciais e, especialmente, do privilégio da branquitude, sobre o qual Inês fazia questão de nos lembrar a todo momento. Vejam só que boniteza: livros e gentes, dados de presente, junto com outros tantos objetos e afetos, como os bilhetinhos que ela costumava nos dar. [...] Como agora “sou porque somos OJ”, lembrando o provérbio africano, se um bilhetinho fosse escrever para Inês hoje e em nosso nome, diria mais ou menos assim:

Belo Horizonte, fim do inverno de 2023

Inês,

obrigada por nos fazer “olhar pra lá”, como fez a sagaz fada com a sua professora. Obrigada por nos fazer olhar para o coração da docência, onde professoras e professores se encontram com as diversas juventudes. Obrigada, minha linda, por nos ensinar palavras que fazem acordar e, com isto, expandir enormemente nossos horizontes! Como você mesma dizia, “é uma fortuna” para nós que você faça parte dos 20 anos de vida do nosso grupo, pois ele também é seu. Você vai seguir conosco, amiga, por mais de 10, 20, 30 ou quantos outros horizontes mais conseguirmos (re)criar. Você segue aqui, Inês, nas nossas (Inês)quecíveis memórias pedagógicas do OJ.

Beijinhos!

Inês Teixeira: presente, presente, presente! Viva o OJ! Viva a Inês!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. A fada que tinha ideias. 28. ed. São Paulo: Ática, 2016.

AZEREDO, Verônica P.O, ARROYO, Miguel G (Orgs). (Inês)quecíveis memórias Pedagógicas. Rio de Janeiro: Cinemas e Educações, 2023

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Formação de Professores do Ensino Médio: Carta aos professores. Curitiba, Setor de Educação da UFPR. 2013.

TEIXEIRA, Inês. Uma carta, um convite. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla. (Orgs). Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p.11-4